

# ADOLESCÊNCIA E ESTRESSE: AS ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DE UM GRUPO EM VULNERABILIDADE SOCIAL<sup>1</sup>

*Bruna Caciari<sup>2</sup>*

*Regina Damazo<sup>3</sup>*

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar as estratégias de enfrentamento utilizadas por um determinado grupo de adolescentes em vulnerabilidade social e, a partir disso, contextualizá-las frente à Teoria Cognitivo-Comportamental. Participaram da pesquisa seis jovens entre 14 e 16 anos em vulnerabilidade social que faziam parte de atividades sociais em uma instituição localizada no estado de São Paulo. Os resultados demonstraram que não houve grande variância com relação às estratégias de enfrentamento utilizadas, logo, apesar de a escolha pela estratégia de enfrentamento depender das características de personalidade de cada sujeito, o processo de coping foi distintamente considerado em crianças e adolescentes a partir de seu contexto social e de seu processo de desenvolvimento. Obteve-se, também, a reflexão de que, independentemente da situação na qual o sujeito se encontra, o fator primordial será o modo como o mesmo a interpreta, e não o fato em si.

## PALAVRAS-CHAVE

Estratégias de enfrentamento; Teoria Cognitivo-Comportamental; Vulnerabilidade social.

---

<sup>1</sup> Trabalho da supervisão de TCC e depois transformado em artigo.

<sup>2</sup> Bruna Caciari é aluna do 5º ano de Psicologia da FAAT.

<sup>3</sup> Regina de Fátima Damazo é Supervisora de TCC na Abordagem Cognitivo-Comportamental do Curso de Psicologia da FAAT.

## **ABSTRACT**

*The objective of this research was to investigate the coping strategies used by a particular group of teenagers on social vulnerability and, from that, to contextualize them to the front Cognitive Behavioral Theory. Participated in the survey six youths between 14 and 16 years of social vulnerability those were part of social activities in an institution located in São Paulo state. The results showed that there was vast variance in relation to coping, although the choice of coping strategy depends on the characteristics of each subject's personality, the process of coping was distinctly seen in children and adolescents from their social context and its development process. Also obtained the reflection that, regardless of the situation in which the subject is the overriding factor will be how it interprets and not the fact itself.*

## **KEY WORDS**

*Coping; Cognitive Behavioral Theory; Social vulnerability.*

---

## **INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa pretende gerar reflexões sobre o tema vulnerabilidade social, considerando adolescentes que vivem em meio a constantes eventos estressores. O assunto fornece conteúdo para a compreensão do mundo contemporâneo, tendo em vista as constantes discussões mundiais. Perante a realização da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (Rio +20), em junho de 2012, no Rio de Janeiro, cada vez mais tem surgido demanda para a compreensão da vulnerabilidade social. Pensar em um futuro sustentável abrange almejar uma sociedade que permanecerá saudável, minimizando suas desigualdades sociais.

A partir desse interesse, o objetivo deste estudo será avaliar um grupo de seis adolescentes entre 14 e 17 anos em vulnerabilidade social que participam de atividades sociais na Associação

Bezerra de Menezes, no estado de São Paulo. O presente trabalho foi iniciado em janeiro de 2013, sendo sua pesquisa principiada em outubro do mesmo ano após aprovação do Comitê de Ética da instituição FAAT - Faculdades Atibaia, como também da autorização, através do termo de consentimento, da instituição em questão, Associação Bezerra de Menezes, dos participantes e de seus responsáveis. Com o foco de investigar sobre o tema estresse na adolescência, optou-se por uma abordagem de pesquisa de campo, pois a mesma permite a observação dos fatos, compreendendo e estudando as relações existentes.

Os materiais utilizados para a investigação da problemática foram os seguintes: o Inventário de Estratégias de Coping de Folkman e Lazarus (1985), traduzido e adaptado para a língua portuguesa por Savóia, Santana & Meijas (1996), e o Questionário Sociodemográfico, versão adaptada de Gonzalez (2011). Os instrumentos necessitaram de um dia para que a aplicação fosse realizada e finalizou-se o projeto em dezembro de 2013. Pelo fato de os instrumentos possuírem uma característica autoaplicável e não ter havido a possibilidade de uma entrevista ou análise individual, os entrevistados foram orientados a preencher o Questionário Sociodemográfico. Assim que finalizado, pediu-se para que se atentassem às questões 27, 33, 34 e 36, nas quais estavam presentes situações consideradas desencadeadoras de estresse. Ao pensarem sobre essas ocasiões, procederam com o preenchimento do Inventário de Coping, no qual escolheram a pontuação de cada frase que mais se adequou à maneira como lidaram com as circunstâncias marcadas no questionário.

### *Embasamento Teórico*

Diversos eventos habituais podem ser avaliados como estressantes, Poletto e Koller (2008) citam que diferentes autores têm pesquisado a ocorrência dessas experiências estressoras na infância e na adolescência, sendo as mais comuns: divórcio dos pais, abuso sexual/físico contra a criança, pobreza e empobreci-

mento, desastres e catástrofes naturais, guerras e outras formas de trauma, fatores que possivelmente provocarão consequências físicas e psicológicas negativas em crianças e adolescentes. Essas experiências estressoras aparecem de forma mais evidente quando se trata de adolescentes que vivem sob a vulnerabilidade social, definida por Vignolli (2001), como

*... uma situação em que o conjunto de características, recursos e habilidades inerentes a um dado grupo social se revelam insuficientes, inadequados ou, ainda, impõem dificuldades para este grupo lidar com o sistema de oportunidades oferecido pela sociedade (apud ABRAMOVAY, 2001, p. 2).*

Assim, considera-se que os adolescentes da amostra estão nesse quadro de vulnerabilidade social, pois apenas são indicados para estarem na instituição citada crianças e adolescentes com esse perfil. A instituição em questão está estabelecida como Entidade de Assistência Social e atualmente oferece para as famílias que são atendidas diversos cursos profissionalizantes, tais como: corte e costura, artesanato, culinária etc. Diariamente, recebe aproximadamente 40 crianças e adolescentes, possuindo um total de 140 famílias flutuantes. Ponderando as características da instituição e dos jovens que a frequentam, reflete-se sobre as possíveis estratégias de enfrentamento que utilizam para lidar com os constantes elementos estressores. Lazarus e Folkman (1984, apud FERNANDES & INOCENTE, 2010) definem estratégias de enfrentamento como “... esforços cognitivos e comportamentais para administrar situações/necessidades internas e/ou externas específicas que o organismo avalia como sobrecarga...” (s.p.).

Tendo em vista os termos citados acima, recorre-se ao tema do projeto “Adolescência e Estresse: as estratégias de enfrentamento de um grupo em vulnerabilidade social”, produzido através da seguinte problemática: “quais estratégias de enfrentamento o determinado grupo de adolescentes em vulnerabilidade social mais utilizam?”, buscando compreendê-la com base na

Teoria Cognitivo-Comportamental de Albert Ellis e seu modelo ABC. Esse modelo é apresentado na Teoria Racional Emotiva Comportamental e, segundo Matta, Bizarro e Reppold (2009), já fora confirmado e fortalecido por diversos estudos (HART, TURNER, HITNER, CARDOZO & PARAS, 1991; ZIEGLER & LESLIE, 2003; ZIEGLER & SMITH, 2004; DAVID, MONTGOMERY, MACAVEI & BOVBJERG, 2004). O modelo representa a compreensão sobre a base do funcionamento cognitivo do ser humano, em que “A” seriam eventos aos quais o indivíduo foi exposto; “B”: o pensamento pessoal sobre os eventos ocorridos; e “C”: a consequência demonstrada pelo comportamento (ELLIS, 1962, apud RANGÉ, 2002).

No presente trabalho esses conceitos serão utilizados nos seguintes contextos: A – a história de vida do adolescente, considerando os ambientes e os modelos que estiveram presentes em seu desenvolvimento; B – suas principais crenças, sendo o sistema de crenças o modo como se percebe os eventos a sua volta; e C – as estratégias de enfrentamento utilizadas.

### **Objetivo Geral**

Investigar por meio do Questionário Sociodemográfico pré-determinado e do Inventário de Estratégias de Coping de Folkman e Lazarus (1985) quais estratégias de enfrentamento auxiliam o adolescente a criar crenças de entendimento do próprio contexto e, a partir disso, contextualizá-las frente à Teoria Cognitivo-Comportamental.

### *Objetivo Específico*

Compreender os eventos presentes em situações de vulnerabilidade social e pesquisar o modo como determinados adolescentes inseridos nesse contexto lidam com essa situação

### **Um Olhar para a Institucionalização – O ECA e as ONGs**

Quando se fala em vulnerabilidade social recorre-se às necessidades de crianças e adolescentes que, por se apresentarem

nessa situação, podem estar carentes em diversos âmbitos: educacional, familiar e social, ou seja, há a falta de pelo menos um dos suportes básicos para o desenvolvimento da pessoa em geral. Falar-se-á sobre o surgimento das instituições que, conforme a demanda da sociedade, se fortaleceram, ampliando a popularidade desse novo setor, como, também, os aspectos dos direitos e deveres das crianças e adolescentes, de acordo com o que é preconizado pelo ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente.

### *O Estatuto da Criança e do Adolescente*

O Estatuto da Criança e do Adolescente é produto da luta de movimentos sociais com relação a condições e aos direitos infante-juvenis no Brasil. Foi especialmente criado em 13 de julho de 1990 para manifestar os direitos e os deveres das crianças e dos adolescentes. O ECA foi criado a partir da Lei Nº 8.069, sendo sancionada pelo ex-presidente do Brasil Fernando Collor de Mello (*fonte: site do Estatuto da Criança e do Adolescente - <http://eca.claretianas.br/>*).

Considerando o contexto atual, destaca-se a visão do ECA em relação à redução da maioridade penal que, desde sua fundação, institui a responsabilidade penal a partir dos 18 anos. O ECA diz que se a criança ou adolescente pratica uma infração, deve responder por isso, considerando atos punitivos associados a uma socioeducação, como, por exemplo: advertência, obrigação de reparar o dano, prestação de serviços à comunidade, liberdade assistida, semiliberdade e internação. Percebeu-se com o tempo que, por meio de ações preventivas, pode-se, na maioria das vezes, fazer com que não haja a necessidade de o jovem cometer um ato infracional para ter acesso a essa socioeducação. Oliveira (2013) também destaca a possibilidade de essas ações serem executadas pelos municípios, pois apesar de serem previstas através de programas e políticas sociais públicas, a realidade tem se amparado das organizações sem fins lucrativos, as ONGs, que assu-

mem um papel alternativo para viabilizar o atendimento social, como prática assistencialista.

### *O Surgimento das ONGs*

Antes mesmo do surgimento das ONGs, modelos socioeducativos como esses surgiram no Brasil desde sua colonização no século XVI. O abrigo passou a existir por uma necessidade da época em educar os colonizados através de suas línguas e costumes e suprir a demanda criada a partir do abandono das crianças vindas de Portugal.

A expressão “ONG surge pela primeira vez em documentos da Organização das Nações Unidas (ONU), no final de 1940, tendo como principal escopo a ideologia e prática social. A ideia de atuar na sociedade por meio de organizações sem fins lucrativos e, de alguma forma, não aliadas ao Estado, buscando a inserção de valores e costumes contemporâneos, teve início nos países desenvolvidos para depois ser implementada nos subdesenvolvidos.

### *Os Abrigos e a Desinstitucionalização*

No âmbito da infância e da adolescência, destaca-se como uma dessas organizações o “abrigo que, entre tantos significados, se faz presente a noção de recolhimento, confinamento e isolamento social, porém, entre os direitos previstos pelo ECA, sobressai o direito à convivência familiar e comunitária, que antevê o fim do isolamento, presente na institucionalização em décadas anteriores (RIZZINI & RIZZINI, 2004; SILVA, 2004, apud SIQUEIRA, 2012). Prioriza-se a desinstitucionalização no atendimento de crianças e adolescentes em situação de desamparo e estima-se o papel da família, assim, as instituições de abrigo devem ser configuradas em pequenas unidades, com poucos integrantes, manter um acolhimento personalizado, instigar a participação em atividades comunitárias e conservar o grupo de irmãos, entre outros pontos.

### *A Associação Bezerra de Menezes e seu papel como ONG*

A instituição citada no trabalho merece destaque como exemplo de ONG que oferece o contexto de pertencimento com relação aos cuidados prestados às crianças e aos adolescentes que não possuem um lugar para ficar quando não estão na escola. Portanto, há dois principais motivos para que uma criança ou adolescente passe a fazer parte da instituição: ter acesso a comida, aulas de reforço, de música, teatro e outras atividades adequadas a cada idade, como a profissionalização; não ter onde ficar após o período escolar e, por ser vulnerável socialmente, ter fácil acesso a drogas e situações de risco na rua ou em casa. Eles podem ser encaminhados pelo Conselho Tutelar ou a própria família os inscreve no programa. A instituição é uma ONG e tem como objetivo oferecer uma oportunidade de crescimento pessoal.

A Associação Bezerra de Menezes foi fundada em 15 de setembro de 1988 por um grupo de pessoas oriundas de São Paulo. A missão da entidade é atender pessoas em vulnerabilidade e risco social, em suas necessidades imediatas, e buscar a inserção destas pessoas no contexto familiar através de seus filhos, proporcionando diversas formas de qualificação e geração de renda para as mães.

Apesar de os jovens passarem pela instituição apenas durante meio período por dia, são considerados institucionalizados, como qualquer pessoa que passa um grande período do dia em alguma instituição.

### **Os Principais Conceitos e a Teoria Racional-Emotivo-Comportamental**

A Terapia Racional Emotivo Comportamental (REBT, em inglês, Rational Emotive Behavior Therapy),

*... está incluída na Terapia Comportamental em razão da objetividade com a qual se desenvolve em termos da modificação de*

*padrões de comportamentos desadaptados (Ellis, 1993; Freemam, 1990; Ellis, 1973), assim como pelo caráter empírico em sua investigação clínica, além da utilização de técnicas puramente comportamentais como a dessensibilização sistemática, por exemplo. (CAMPOS, 2001, p. 82)*

Com o propósito de compreender melhor o funcionamento do ser humano, Ellis partiu para o entendimento cognitivo, sendo que sua primeira tentativa foi representada pelo modelo ABC. “A” seria o evento ativador; “B” a interpretação pessoal sobre o evento ativador; e “C” a consequência demonstrada pelo sentimento e pelo comportamento (ELLIS, 1962, apud CAMPOS 2001).

*A experiência ativante “A” é caracterizada por algum evento externo real, ao qual o indivíduo foi exposto, e que ativam pensamentos específicos sobre o próprio evento. Os eventos ativadores se baseiam em nossos sentimentos, pensamentos ou comportamentos ocorridos em eventos passados ou atuais para ativarem cadeias de pensamentos específicos. Pensamentos, cognições ou ideias. O “B”, originário de belief (crença, em inglês), são cadeias de pensamentos e autoverbalizações que são ativadas pelos eventos ocorridos em “A”. Este elo possui várias formas diferentes de se estruturar, uma vez que os seres humanos possuem tipos e formas de pensar igualmente diferentes. (CAMPOS, 2001, p. 82)*

Com relação às crenças citadas, Campos (2001) destaca que são como preceitos para a atuação e evidenciam os gostos e não gostos do sujeito. A REBT indica que quando essas são irracionais, fazem com que o indivíduo fique desadaptado em seu ambiente, tornando-se esta a causa dos problemas (GORAYEB & RANGÉ, 1988, apud CAMPOS, 2001).

Assim como existem as crenças irracionais, a cognição também possui a racionalidade. Apesar de haver essas duas possibilidades, segundo Ellis (1973, apud CAMPOS, 2001), a tendência natural do ser humano é ser irracional, sendo uma disposição negativa e limitando a possibilidade de a felicidade se

tornar um estado inerente. As crenças, portanto, são as visões de mundo que o sujeito possui. Uma mesma situação pode ser interpretada de diversas maneiras dependendo das crenças daquele que a vê. Assume-se como ponto preliminar que algumas situações não possuem a possibilidade de serem modificadas. O que pode ser trabalhado é a forma como foram compreendidas e assimiladas. O proposto por essa abordagem é a futura independência do cliente, fazendo com que ele adquira novos padrões comportamentais e se torne o principal autorregulador de si próprio (CAMPOS, 2001).

#### *A Vulnerabilidade Social, o Estresse e as Estratégias de Enfrentamento*

Tendo em vista um ambiente desadaptativo, a possibilidade de ter um nível de estresse alterado se torna elevada. Esse ambiente pode ser representado em diversas situações, como, por exemplo, a vulnerabilidade social, que é vista como a falta de acesso a determinados fatores, como a educação, a saúde, a cultura, o lazer e até o reconhecimento social. Como descrevem Abramovay e Pinheiro (2003, p. 3): “a situação de vulnerabilidade aliada às turbulentas condições socioeconômicas ocasiona uma grande tensão entre os jovens que agravam diretamente os processos de integração social”. Esse contexto pode ser modificado através de fatores externos, como ajudas voluntárias e subsídios públicos, porém, como visto, a interpretação do indivíduo sobre essa situação em que está inserido será fundamental para que esse ambiente, já considerado devastador, não seja tão impactante, como explicam Lipp e Malagris (2001): “o estresse pode ou não levar a um desgaste geral do organismo dependendo da sua intensidade, tempo de duração, da vulnerabilidade do indivíduo e da habilidade de administrá-lo” (p. 280).

As diversas formas de adaptação do ser humano em relação a situações desfavoráveis e o modo como lida com eventos

estressores podem ser denominados coping ou estratégias de enfrentamento.

Devido às características de personalidade de cada sujeito, há diferença entre os recursos e os métodos de coping utilizados, bem como as tentativas de lidar com as emoções negativas. Esse empenho é importante para reduzir os efeitos negativos como, também, problemas emocionais e comportamentais (BOEKAERTS, 1996; COMPAS, MALCARNE & FONDACARO, 1988, apud DELL'AGLIO, 2003).

É importante ressaltar que a eficiência do coping depende, também, da capacidade de transformação e versatilidade do sujeito. Em um contexto, uma certa estratégia pode funcionar e ser classificada como adaptativa, porém, a mesma estratégia, em uma situação diferente, pode ser considerada desadaptativa, mesmo que o estressor seja o mesmo (COMPAS, 1987, apud DELL'AGLIO, 2003). Sendo assim, o indivíduo, através de suas experiências, passa a generalizar e discriminar as estratégias de enfrentamento, levando-o ao autoconhecimento. A generalização será advinda das situações nas quais o coping foi adaptativo, fazendo com que o sujeito se comporte de forma semelhante em diversas situações de estresse.

Folkman e Lazarus (1980, apud ANTONIAZZI, DELL'AGLIO & BANDEIRA, 1998), por meio de quatro conceitos primordiais, elaboraram o já citado Inventário de Estratégias de Coping:

*(a) coping é um processo ou uma interação que se dá entre o indivíduo e o ambiente; (b) sua função é de administração da situação estressora, ao invés de controle ou domínio da mesma; (c) os processos de coping pressupõem a noção de avaliação, ou seja, como o fenômeno é percebido, interpretado e cognitivamente representado na mente do indivíduo; (d) o processo de coping constitui-se em uma mobilização de esforço, através da qual os indivíduos irão empreender esforços cognitivos e comportamentais para administrar*

*(reduzir, minimizar ou tolerar) as demandas internas ou externas que surgem da sua interação com o ambiente (s.p.)*

O Inventário possui uma adaptação para o Brasil, elaborada por Savóia, Santana e Meijas (1996), favorecendo a pesquisa e aplicação na área, sendo considerada de grande importância para o presente trabalho. Posteriormente ao que foi exposto, os materiais aplicados serão expostos e analisados, sendo possível ir ao encontro da problemática: “quais estratégias de enfrentamento o determinado grupo de adolescentes em vulnerabilidade social mais utilizam?”, buscando compreendê-la com base na Teoria Cognitivo-Comportamental.

## **Pesquisa sobre as Estratégias de Enfrentamento**

### *O Instrumento Sociodemográfico - Dados Quantitativos e Qualitativos*

Os dados do Instrumento Sociodemográfico, conforme seu propósito, auxiliaram na obtenção de um panorama geral das características dos participantes, como será visto a seguir. Considerando o total de entrevistados (N = 6), a maior parte tinha o seguinte perfil: sexo feminino (% = 66,67), 14 anos (% = 50) e cor parda (% = 50), sendo todos solteiros.

**Tabela 1. Características dos participantes  
- sexo, idade, cor, estado civil**

Sexo	Feminino		Masculino	
	N	%	N	%
	4	66,67	2	33,33

Idade	14 anos		15 anos		16 anos	
	N	%	N	%	N	%
	3	50	2	33,33	1	16,67

Cor	Branca		Negra		Parda	
	N	%	N	%	N	%
	2	33,33	1	16,67	3	50

Estado	Solteiro	
	N	%
Civil	6	100

Apesar de possuírem atributos, como morar com quatro ou cinco pessoas e possuir algum tipo de bolsa de auxílio (ambos, % = 83,33), pode-se analisar que alguns mostram obter certos itens que normalmente apresentam-se como não característicos de um status vulnerável socialmente, como: computador e auxiliar doméstica (ambos, % = 33,33).

Os elementos com relação às características escolares mostraram-se homogêneos em dois aspectos: estudam em escola pública, nunca foram expulsos da escola (ambos, N = 6). Os participantes estão entre o 6º ano do ensino fundamental e o 1º ano do ensino médio, sendo que um deles parou de estudar no 7º ano do ensino fundamental, relatando informalmente durante a pesquisa que, pelo fato de ter mudado de casa algumas vezes no ano, não se matriculou em nenhuma escola. Dos três que já repetiram o ano, um reprovou uma vez (% = 33,33) e dois reprovaram duas vezes (% = 66,67). Nenhum dos entrevistados já foi expulso.

Pesquisou-se, também, o modo como se sentem no ambiente escolar, assim, ponderando-se o adquirido, não é possível generalizar o modo como se sentem na escola, porém torna-se viável citar que é considerada pela maioria, em algumas situações, como um ambiente agradável, mediante os seguintes resultados: “concordo um pouco” (% = 50) com relação à frase “gosto da maioria dos meus professores”, “concordo totalmente” (% = 66,67) para “quero continuar meus estudos nessa escola” e “concordo totalmente” (% = 33,33) para o item “posso contar com técnicos da escola”.

Dos seis participantes, quatro (% = 66,67) estão trabalhando e o restante nunca trabalhou, sendo que nenhum deles parou de estudar para trabalhar. Dos que atualmente estão trabalhando,

permanecem de 3 a 7 horas no local, sendo os salários de 100 a 350 reais por mês.

Quanto às questões relacionadas à saúde, apenas um dos participantes citou que possui diabetes, sendo que nenhum deles possui algum tipo de doença mental diagnosticada. A utilização de assistência à saúde mais citada (% = 83,33) é o SUS, sendo que apenas uma das pessoas colocou que é atendida por outro tipo de serviço, citando verbalmente que sua família costuma tratar a maioria das patologias físicas em casa.

Metade dos sujeitos (N = 3) participa de atividades culturais em grupo, como, por exemplo, de grupos religiosos, musicais, dança, teatro ou arte e equipe esportiva.

Os participantes mostraram ter, de certa forma, grande acesso a drogas. A maioria (% = 66,67) possui amigos próximos que utilizam drogas lícitas (N = 2), ilícitas (N = 1) ou ambas (N = 1). Analisou-se que metade (N = 3) declarou que possui algum familiar que usa drogas, sendo a maioria (% = 66,67) lícita.

Quanto ao uso pessoal de drogas lícitas e ilícitas, a maior parte (N = 5) mostrou nunca ter ao menos experimentado todas as citadas no questionário. Em contraponto, o único participante que declarou ter utilizado algum tipo de droga experimentou-as na tenra idade: bebida alcoólica e cigarro comum com oito anos, *crack* aos 11 e cocaína aos 12 anos, permanecendo o uso atual de bebida alcoólica e citando ter apenas experimentado o restante.

Considerando-se os resultados sobre o relacionamento dos adolescentes em vulnerabilidade social e suas famílias, pode-se traçar um perfil: em geral se dão bem com os genitores, sentindo-se aceitos, confortáveis para compartilhar problemas, acolhidos emocional e financeiramente. Mostraram que não conversam muito com seus pais para tomar decisões e assinalaram que, por algumas vezes, os pais brigam entre eles. Com relação à ajuda na resolução de problemas e ter a atenção dos genitores para aquilo que pensam e sentem, a maioria (% = 50) “discordou um pouco”.

Com base nos sentimentos de pertencer e confiar (tabela 2), a maior parte (% = 66,67) apenas mostrou que se sente pertencente à comunidade e ao bairro. Três dos participantes pontuaram que gozam de segurança em sua comunidade/bairro e que observaram melhoras no local nos últimos cinco anos. Analisou-se que a generalidade não confia nos vizinhos e em instituições como um todo.

**Tabela 2. Sentimento de pertencer e confiar**

		<b>NÃO</b>		<b>SIM</b>	
		<b>N</b>	<b>%</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
<b>Opinião sobre as seguintes informações</b>	Eu sinto que pertenço a minha comunidade/bairro	2	33,33	4	66,67
	Eu posso confiar nas pessoas da minha comunidade/bairro	5	83,33	1	16,67
	Eu me sinto seguro na minha comunidade/bairro	3	50	3	50
	Eu posso contar com meus vizinhos quando preciso deles	4	66,67	2	33,33
	Eu posso contar com alguma instituição quando preciso	4	66,67	2	33,33
	Minha comunidade tem melhorado nos últimos cinco anos	3	50	3	50

Quanto a situações possivelmente estressantes na família e na sociedade, apenas uma foi sinalizada “soco ou surra” (% = 66,67), ocorrendo “às vezes”, de “mais ou menos ruim” a “horrível” e entre irmãos, mãe ou pai. Os 50% pontuaram “agressão com objeto”, assinalando “quase nunca”, “às vezes” e “quase sem-

pre”, com uma sensação “muito ruim” e “horrível”, entre mãe, pais ou irmãos.

Outras opções para situações que poderiam ocasionar aumento do nível de estresse foram apresentadas (tabela 3), assim, apenas uma destacou-se com uma porcentagem significativa (% = 83,33): “alguém em minha casa está desempregado”. Metade dos sujeitos apontou que três situações já foram vividas por eles: “alguém muito importante para mim faleceu”, “meu pai / minha mãe teve filho com outros parceiros” e “alguém da minha família está ou esteve preso”.

**Tabela 3. Situações possivelmente estressantes**

O nível econômico da minha família baixou de uma hora para a outra	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	4	66,67	2	33,33
Alguém muito importante para mim faleceu	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	3	50	3	50
Alguém em minha casa está desempregado	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	1	16,67	5	83,33
Já passei fome	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	6	100	0	0
Meus pais se separaram	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	4	66,67	2	33,33
Meu pai / minha mãe casou de novo	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	5	83,33	1	16,67

Já estive internado em instituição (abrigo, orfanato)	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	6	100	0	0
Meu pai / minha mãe teve filho com outros parceiros	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	3	50	3	50
Já fugi de casa	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	5	83,33	1	16,67
Já fui assaltado	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	5	83,33	1	16,67
Já morei na rua	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	6	100	0	0
Já trabalhei na rua	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	5	83,33	1	16,67
Já dormi na rua	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	6	100	0	0
Alguém da minha família está ou esteve preso	<b>Não</b>		<b>Sim</b>	
	N	%	N	%
	3	50	3	50

Situações preconceituosas também foram consideradas como desencadeadoras de estresse, porém houve a prevalência de que os sujeitos “nunca” haviam sofrido algum tipo de preconceito. Analisou-se, também, o modo como percebem a si próprios. Logo, constatou-se que possuem uma assimilação negativa mediante as seguintes situações: às vezes sentem vergonha de ser

do jeito como são (% = 33,33) e não se percebem como sendo capazes de fazer coisas tão bem como outras pessoas. Por outro lado, mostraram a concepção de que possuem boas qualidades, orgulham-se de suas vidas, estão satisfeitos consigo mesmo, de- têm atitudes positivas, não se sentem um fracasso ou inúteis.

Por fim, foram pesquisadas as expectativas para o futuro que os participantes possuem. Os resultados variaram de “cerca de 50%” a “muito altas”, demonstrando que conservam altas expectativas para o futuro, como: “concluir o ensino médio (segundo grau)”, “entrar na Universidade”, “ter um emprego que me garanta boa qualidade de vida”, “ter minha casa própria”, “ter um trabalho que me dará satisfação”, “ter uma família”, “ser saudável a maior parte do tempo”, “ser respeitado na minha comunidade” e “ter amigos que darão apoio”. Sendo assim, apenas uma das pessoas demonstrou não ter boas expectativas sobre seu futuro.

#### *O Inventário de Estratégias de Coping - Dados Quantitativos e Qualitativos*

O Inventário em questão é dividido em oito fatores: fator 1 - confronto (itens 46, 7, 17, 28, 34 e 6); fator 2 - afastamento (itens 44, 13, 41, 21, 15 e 12); fator 3 - autocontrole (itens 14, 43, 10, 35, 54, 62 e 63); fator 4 - suporte social (itens 8, 31, 42, 45, 18 e 22); fator 5 - aceitação de responsabilidade (itens 9, 29, 51 e 25); fator 6 - fuga - esquiva (itens 58, 11, 59, 33, 40, 50, 47 e 16); fator 7 - resolução de problemas (itens 49, 26, 1, 39, 48 e 52); fator 8 - reavaliação positiva (itens 23, 30, 36, 38, 60, 56 e 20). Cada fator refere-se ao tipo de estratégia que a pessoa utiliza diante de situações estressoras.

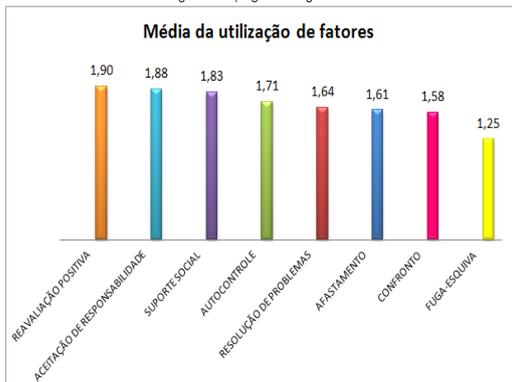
**Tabela 4. Inventário de Estratégias de Coping - Média de fatores/sujeito e média geral**

Fatores	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6	MÉDIA
<b>Reavaliação Positiva</b>	1,43	1,57	2,71	1,43	2,43	1,86	1,9

Fatores	Sujeito 1	Sujeito 2	Sujeito 3	Sujeito 4	Sujeito 5	Sujeito 6	MÉDIA
<b>Aceitação de Responsabilidade</b>	1,5	1,75	2,25	2	2,5	1,25	1,88
<b>Suporte Social</b>	1,5	1,33	2,67	2,33	1,67	1,5	1,83
<b>Autocontrole</b>	1,14	0,86	2,29	2,14	2,14	1,71	1,71
<b>Resolução de Problemas</b>	1	1,33	2,17	1,33	2,17	1,83	1,64
<b>Afastamento</b>	0,67	2,67	2	1	2	1,33	1,61
<b>Confronto</b>	1,17	1,67	2	2	1,83	0,83	1,58
<b>Fuga-Esquiwa</b>	0,75	0,88	1,38	1,5	1,88	1,13	1,25

Cada inventário foi analisado e cada fator foi medido para que se alcançassem as médias e fosse possível observar quais são mais utilizados pelos adolescentes em vulnerabilidade social quando se deparam com uma situação desencadeadora de estresse. Seguindo-se uma ordem decrescente de média, os fatores serão expostos no gráfico, decorrido de suas descrições.

Gráfico 1. Inventário de Estratégias de Coping - Média geral dos fatores.



### **Fator 8 – Reavaliação Positiva (Média = 1,90)**

A reavaliação positiva é a maneira de reavaliarem o acontecimento estressor de forma a perceberem que a experiência pôde fazer com que mudassem o olhar para a situação e a reinterpretassem como um crescimento ou uma mudança pessoal positiva.

### **Fator 5 – Aceitação de Responsabilidade (Média = 1,88)**

A aceitação de responsabilidade é importante, porque, além de servir para manejar a situação, influi na forma como o indivíduo agirá em futuras situações semelhantes. Ao trazer a responsabilidade da situação para si, o sujeito pode avaliar que comportamentos foram disfuncionais e agir de outra forma nas ocasiões seguintes. No entanto, deve-se atentar-se para aqueles que constantemente trazem para si a responsabilidade da situação, mesmo que não tenham tido comportamentos disfuncionais, aumentando o nível de ansiedade.

### **Fator 4 – Suporte Social (Média = 1,83)**

Considera-se que essa estratégia de enfrentamento é um esforço para dominar ou reduzir as demandas externas e internas com o propósito de resolver algum tipo de questão, através do suporte externo, como ajuda profissional, amigos, familiares etc.

### **Fator 3 – Autocontrole (Média = 1,71)**

O fator 3 refere-se à estratégia de autocontrole, sendo essa correspondente a uma forma, ao mesmo tempo ativa e passiva, pois a pessoa tenta lidar com o problema, mas, enquanto não age, permanece focada em suas reações e na autorreflexão.

### **Fator 7 – Resolução de Problemas (Média = 1,64)**

A resolução de problemas é a estratégia de enfrentamento na qual o sujeito faz um planejamento adequado para lidar com o problema, ou seja, é uma estratégia racional e formulada para enfrentar os estressores.

**Fator 2 – Afastamento (Média = 1,61)**

O afastamento corresponde a uma estratégia defensiva, na qual o indivíduo evita confrontar-se com a ameaça, procurando desprender-se da situação ou minimizá-la através de esforços cognitivos.

**Fator 1 – Confronto (Média = 1,58)**

O confronto é uma estratégia de enfrentamento na qual a pessoa enfrenta a situação causadora de estresse e age na intenção de solucionar o problema, ou seja, encontra meios para lidar com a ocasião por meio da ação.

**Fator 6 – Fuga e Esquiva (Média = 1,25)**

O fator 6 refere-se à estratégia de fuga - esquiva, sendo esta, como a própria nomenclatura mostra, uma estratégia para escapar ou evitar o problema que gera o estresse. Essa reação deve-se ao fato de que, ao analisar o estressor, o indivíduo não se percebe competente para enfrentar a situação, suportando a tensão por meio de regulações afetivas diversas.

**Análise dos Instrumentos**

Para que a análise dos instrumentos fosse mais bem embasada teoricamente, necessária foi a retomada de alguns conteúdos já citados. Assim, expuseram-se aqui as principais experiências estressoras, considerando os itens citados e o Questionário Sociodemográfico, que estão presentes na vida do grupo de adolescentes em questão: reprovarem na escola (% = 50), não poderem contar com professores e técnicos da escola (% = 33,33), não poderem confiar nas pessoas de seu bairro (% = 83,33), possuírem situações de surra ou soco na família (% = 66,67), estarem com alguém da família desempregado (% = 83,33), alguém importante ter falecido (% = 50), os genitores terem filhos com outros parceiros (% = 50) e alguém da família estar preso (% = 50).

Com relação ao segundo instrumento utilizado, Inventário de Estratégias de Coping, houve uma pequena variância (% = 13) entre os resultados, porém analisa-se que há preferência pela utilização de algumas estratégias, realizando-se algumas hipóteses por meio dos resultados obtidos no Questionário Sociodemográfico. O valor da variância pode ser compreendido, pois, apesar de a escolha pela estratégia de enfrentamento depender das características de personalidade de cada sujeito, o processo de coping deve ser distintamente considerado em crianças e adolescentes a partir de seu contexto social e de seu processo de desenvolvimento, assim, ainda estão em uma fase de adaptação e escolha do coping mais adequado para cada situação, como coloca Dell'Aglio (2003, s.p.):

*Compas (1987) apontou a necessidade de alterações para aplicar as noções de estresse e coping às ações de crianças e adolescentes, pois para entender os recursos, estilos e esforços de coping na infância é necessário compreender seu contexto social, tendo em vista a dependência da criança em relação ao adulto para sua sobrevivência. Além disso, os esforços de coping da criança são delimitados por sua preparação biológica e psicológica para responder ao estresse. Por outro lado, as características básicas do desenvolvimento cognitivo e social tendem a afetar o que as crianças experimentam como estresse e como elas lidam com estas situações. Estão incluídas nessas características as crenças sobre a autopercepção e auto-eficácia, mecanismos inibitórios e de autocontrole, atribuição de causalidade, relacionamento com pais e amigos, entre outras.*

O fator que prevaleceu entre os participantes foi a “Reavaliação Positiva” (1,90), na qual o sujeito reinterpreta a situação de forma positiva, mudando seu olhar. A partir da análise do Questionário Sociodemográfico, percebeu-se que os jovens possuem uma atitude positiva com relação à percepção que possuem de si próprios, mesmo considerando o contexto de vulnerabilidade social. Além da questão citada, que proporciona um entendimento de que costumam avaliar as situações de forma positiva

e se sentem capazes disso, outros temas destacam-se para que se compreenda a preferência por esse fator, sendo um complementar do outro. A resolução da grande maioria dos eventos estressores não depende deles, como explica Dell'Aglio (2003), citando Ryan-Wenger (1992): os mais jovens reagem com estresse a situações referentes à família, aos professores e às condições socioeconômicas, circunstâncias que estão diretamente fora de seu controle e, por isso, difíceis de serem modificados por eles. Assim, o modo que encontram para lidar com a ocasião seria realmente reavaliá-la positivamente ou focar a resolução nas emoções, e não nos problemas.

Os propósitos apresentados também podem ser agregados à escolha de outros fatores, como: Autocontrole (1,71), Afastamento (1,61) e Fuga e Esquiva (1,25). Considerando o Autocontrole, também se pondera que os adolescentes raramente falam com a família, funcionários da escola, líderes religiosos ou ONGs sobre assuntos íntimos, como sexo. Com relação ao Afastamento e Fuga e Esquiva, o indivíduo não se percebe competente para enfrentar a situação, podendo ser relacionado com algumas crenças disfuncionais apresentadas durante a pesquisa: “quase nunca” (% = 50) para “Sou capaz de fazer tudo tão bem como as outras pessoas” e apenas algumas vezes (% = 50) sentem-se como pessoas de valor como as outras pessoas. As demandas apresentadas auxiliam como hipótese para a Aceitação de Responsabilidade (1,88), que pode ser caracterizada por pessoas que constantemente trazem para si a responsabilidade da situação, mesmo que não tenham tido comportamentos disfuncionais, aumentando o nível de ansiedade. Assim, talvez por se sentirem em alguns momentos inferiores com relação a outros sujeitos, acabam agregando a culpa a si próprios mesmo que realmente não seja.

Com relação ao Suporte Social, foi possível analisar que poucos adolescentes lidam com os elementos estressores através do suporte externo, como ajuda profissional, amigos ou familiares.

Esse fator pode ser explicado pelo fato de demonstrarem, através do instrumento de pesquisa, que não possuem fortes relações de confiança, dificultando a sociabilidade, assim como Abramovay e Pinheiro (2003, p. 3) descrevem: “a situação de vulnerabilidade aliada às turbulentas condições socioeconômicas ocasiona uma grande tensão entre os jovens que agravam diretamente os processos de integração social”.

Sobre a Resolução de Problemas (1,64) e Confronto (1,58), há pequenas diferenças a serem consideradas. Na primeira, há um planejamento para lidar com os estressores, já com relação ao Confronto, nota-se uma reação mais impulsiva para a resolução. Porém, apesar dessas diferenças, ambos, podem ocorrer pelo sujeito perceber que esse enfrentamento deve ser feito apenas por ele, obtendo-se, assim, algumas hipóteses: o mesmo pode sentir que não possui o acolhimento necessário para confiar na resolução de problemas por terceiros ou estar acostumado a depender apenas de suas ações, não possuindo um suporte social adequado.

As análises realizadas estruturam um delineamento do perfil das estratégias de enfrentamento utilizadas pelo determinado grupo em vulnerabilidade social. Para que houvesse a generalização de conceitos, uma pesquisa complementar se tornaria necessária, assim, utilizando-se uma amostra consideravelmente mais ampla. Dessa forma, tornam-se possíveis hipóteses diante de teorias já realizadas sobre temas semelhantes, nas quais se aponta que a utilização de uma estratégia advém de experiências passadas e presentes que são filtradas e guardadas, considerando-se, assim, um conjunto de variáveis, como os modelos presenciados, as crenças introjetadas, as características de personalidade, as diversas habilidades desenvolvidas, os recursos disponibilizados e o suporte social.

Considerando-se os resultados, apresentados e os parâmetros teóricos da Teoria Cognitivo-Comportamental averiguados, evidencia-se o modelo “ABC” formulado por Albert Ellis (1962),

no qual “A” seria o evento ativador; “B” a interpretação pessoal sobre o evento ativador; e “C” a consequência demonstrada pelo sentimento e pelo comportamento (ELLIS, 1962, apud CAMPOS 2001). No atual contexto, o evento ativador seria a situação estressora, a interpretação seriam as crenças do próprio sujeito, e a consequência, a estratégia de enfrentamento utilizada. Portanto, uma mesma situação pode ser interpretada de diversas maneiras dependendo das crenças daquele que a vê, e, na grande maioria dos casos, “B” possui uma ação geradora maior em “C” que o “A”, ou seja, a interpretação feita (“B”) interfere nas consequências (“C”) mais do que o acontecimento em si (“A”).

### **Considerações Finais**

Retomando-se o objetivo da presente pesquisa, analisa-se que esse foi alcançado. Investigou-se quais estratégias de enfrentamento os adolescentes utilizam, criando-se hipóteses e contextualizando-as frente à Terapia Racional-Emotivo-Comportamental, apresentando-se aspectos gerais sobre o tema.

Ponderou-se que não houve grande variância com relação às estratégias de enfrentamento utilizadas, logo, apesar de a escolha pela estratégia de enfrentamento depender das características de personalidade de cada sujeito, o processo de coping deve ser distintamente considerado em crianças e adolescentes a partir de seu contexto social e de seu processo de desenvolvimento, assim, ainda estão em uma fase de adaptação e escolha da estratégia mais adequada para cada situação. Destaca-se, também, o quesito de que as ocasiões estressoras presentes no contexto juvenil são, muitas vezes, referentes a fatores que independem da escolha deles, como, por exemplo, situações alusivas aos problemas familiares e às condições socioeconômicas, que estão diretamente fora de seu controle, assim, torna-se difícil uma ação voltada inteiramente para a resolução de problemas.

Assumindo-se o ponto preliminar de que algumas circunstâncias apresentadas para esse grupo de adolescentes não possuem

a possibilidade de serem modificadas, como as citadas anteriormente, o que pode ser trabalhado é a forma como foram compreendidas e assimiladas. Deste modo, o indivíduo pode, através de suas experiências, discriminar e generalizar as estratégias de enfrentamento, levando-o ao autoconhecimento. A generalização será advinda das situações nas quais o coping foi adaptativo, fazendo com que o sujeito se comporte de forma semelhante em diversas situações de estresse. Ao refinar sua percepção, irá ponderar que, em algumas situações aquela estratégia funciona, e em outras, passará a discriminar e reagirá de outra forma, ampliando seu repertório a partir do conhecimento prévio que possui.

Como forma de agregar valor ao projeto apresentado, pode-se iniciar a reflexão de que, independentemente da situação na qual o sujeito se encontra, o fator primordial será o modo como o mesmo a interpreta, e não o fato em si. Portanto, uma pessoa que se encontra em vulnerabilidade social pode viver de forma eficaz e saudável através de fatores externos, como ajudas voluntárias e, principalmente, fatores internos, como a construção de crenças racionais. A tendência natural do ser humano é ser negativo, porém, caso modifique essa disposição irracional através da reestruturação das crenças disfuncionais, a felicidade poderá se tornar um estado inerente.

## **Bibliografia**

### *Livros e Artigos:*

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e cidadania**. Brasília: 2001.

ABRAMOVAY, Miriam e PINHEIRO, Leonardo Castro. “*Violência e Vulnerabilidade Social*”. In: FRAERMAN, Alicia (Ed.). *Inclusión Social y Desarrollo: Presente y Futuro de La Comunidad IberoAmericana*. Madri: Comunica. 2003.

BAHLS, Saint Clair; NAVOLAR, Ariana Bassetti Borba. *Terapia Cognitivo-Comportamentais: Conceitos e Pressupostos Teó-*

- ricos. Revista Eletrônica de Psicologia: PsicoUTP – online. Curitiba – nº 4 / julho de 2004.
- BANDURA, Albert; AZZI, Roberta Gurgel; POLYDORO, Soely. *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Art-med, 2008.
- BAPTISTA, Myrian Veras (Coord.). *Abrigo: comunidade de acolhida e socioeducação*. São Paulo: Instituto Camargo Corrêa, 2006.
- CAMPOS, Luiz Fernando de Lara. Terapia Racional Emotivo Comportamental. In: RANGÉ, Bernard (Org.). *Psicoterapia Comportamental e Cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas*. São Paulo: Editora: Livro Pleno, 2002 (p. 82 – 88).
- GONZALEZ, A. *Adolescentes em acolhimento institucional: convivência familiar e comunitária*. Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em Psicologia Clínica – Ênfase em Saúde Comunitária sob orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Débora Dalbosco Dell’Aglio. Porto Alegre, 2011. Anexos: C e D.
- KRISTENSEN, Christian Haag; LEON, Joana Severo; D’INCAO, Daniela Bergesch; DELL’AGLIO, Débora Dalbosco. *Análise da frequência e do impacto de eventos estressores em uma amostra de adolescentes*. *Interação em Psicologia*, 2004, p. 45-55.
- LIPP, Marilda Emmanuel Novaes; MALAGRIS, Lúcia Novaes. Manejo do Estresse. In: RANGÉ, Bernard (Org.). *Psicoterapia Comportamental e Cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas*. São Paulo: Editora: Livro Pleno, 2002 (p. 280 – 292).
- MATTA, Adriana da; BIZARRO, Lisiane; REPPOLD, Caroline Tozzi. *Crenças irracionais, ajustamento psicológico e satisfação de vida em estudantes universitários*. *Psico-USF*, v. 14, n. 1, janeiro a abril/2009.

- MORAIS, Normanda Araujo de; KOLLER, Silvia Helena; RAFFAELLI, Marcela. *Eventos Estressores e Indicadores de Ajustamento entre Adolescentes em Situação de Vulnerabilidade Social no Brasil*. Universitas Psychologica: 2010.
- POLETTI, Michele; KOLLER, Silvia Helena. *Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção*. Estudos de Psicologia. Campinas: julho - setembro 2008 (405-416).
- RAIMUNDO, Raquel Catarina Proença; PINTO, Maria Alexandra Penedo Marques. *Stress e estratégias de coping em crianças e adolescentes em contexto escolar*. Canoas: 2006.
- RANGÉ, Bernard Pimentel; FALCONE, Eliane Mary de Oliveira; SARDINHA, Aline. *História e Panorama Atual das Terapias Cognitivas no Brasil*. Revista Brasileira de Terapias Cognitivas, 2007, volume 3, número 3.
- RANGÉ, Bernard (Org.). *Psicoterapia Comportamental e Cognitiva: pesquisa, prática, aplicações e problemas*. São Paulo: Editora: Livro Pleno, 2002.
- RONDINA, Regina de Cássia. *Terapia Cognitivo Comportamental: Desenvolvimento Histórico, Tendências Atuais*. Revista Científica Eletrônica de Psicologia. Ano VI – nº 10 / maio de 2008.
- SAVÓIA, Mariangela Gentil; SANTANA, Paulo Reinhardt; MEIJAS, Nilce Pinheiro. *Adaptação do Inventário de Estratégias de Coping de Folkman e Lazarus para o Português*. Psicologia USP, São Paulo, v.7, n.1/2, p.183-201, 1996.
- SIQUEIRA, Aline Cardoso. *A garantia ao direito à convivência familiar e comunitária em foco*. Estud. psicol. (Campinas), vol. 29, no. 3, Campinas: Julho a Setembro, 2012.
- SIQUEIRA, Thomaz Décio Abdalla. *Crenças Irracionais e Auto-Aceitação em Adolescentes*. Revista de Psicologia da IMED, vol.3, n.2, p. 571- 584, 2011.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel C. M. *ONGs no Brasil: Elementos para uma Narrativa Política*. Revista Humana, IFCH/UFRGS, 2001.

TOMÁS, Débora Nogueira. *Conhecendo o perfil mediacional de mães sociais: um estudo sobre as interações em abrigos*. Uberlândia: 2010.

TOMIO, Noeli Assunta Oro; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. *Adolescência: uma análise a partir da psicologia sócio-histórica*. Rev. Teoria e Prática da Educação, v.12, n.1, janeiro a abril/2009.

*Páginas da Internet:*

ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BANDEIRA, Denise Ruschel. *O conceito de Coping: uma revisão teórica*. Estudos de Psicologia, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v3n2/a06v03n2.pdf>. Visualizado em: agosto de 2013.

DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. *O processo de coping em crianças e adolescentes: adaptação e desenvolvimento*. Periódicos Eletrônicos em Psicologia. Vol. 11. Número 1. Ribeirão Preto, junho de 2003. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2003000100005&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1413-389X2003000100005&script=sci_arttext). Visualizado em: agosto de 2013.

FERNANDES, Gilberto Fernandes; INOCENTE, Nancy Julietta. *Estratégias Para enfrentamento (coping): um levantamento bibliográfico*. Taubaté: 2010. Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2010/anais/arquivos/0570\\_0609\\_01.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/0570_0609_01.pdf). Visualizado em: abril/2013.

Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Disponível em: <http://eca.claretianas.br/>. Visualizado em: maio de 2013.

LIPP, Marilda Emmanuel Novaes; PEREIRA, Márcia Bignotto; SADIR, Maria Angélica. *Crenças irracionais como fontes internas de stress emocional*. Revista Brasileira de Tera-

pias Cognitivas. Vol. 1. Número 1. Rio de Janeiro, junho de 2005. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872005000100004&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1808-56872005000100004&script=sci_arttext). Visualizado em: agosto/2013.